

GUIAS "PANORAMA" • 6

COIMBRA





Vista do Miradouro do Vale do Inferno

COIMBRA

COIMBRA, a terceira cidade do país em situação e prestígio, sede de uma das mais velhas Universidades da Europa (f. séc. XIII) e capital da Província da Beira Litoral, fica na margem direita do Mondego, a 45 km. da foz, prolongando-se para a margem esquerda pelo bairro de Santa Clara. A sua parte alta (106^m), ocupada pela cidade universitária, assenta nas antigas colinas de Milréus e de S. Sebastião ou Ribela, estendendo-se ao Norte pelo vale da Quinta de Santa Cruz, Montes Claros, Montarroio e Conchada; a Leste pela Cumeada, Celas, Santo António dos Olivais e vale do Calhabé; a Oeste pelo Arnado e Almedina.

A sua população, da ordem dos 40.000 habitantes, vive do ensino, do comércio e da indústria, principalmente de tecidos, malhas e massas alimentícias, distribuindo-se preponderantemente pelo bairro comercial (Baixa, Sofia e Bairro Velho) e por pitorescos núcleos residenciais ajardinados e montuosos. Da velha Alta académica restam os típicos aglomerados das Couraças dos Apóstolos, de Lisboa e da Estrela — vestígios das muralhas da cidade — o Quebra-Costas, Sub-Ripas e Palácios Confusos, com algumas «repúblicas» de estudantes e aventais-de-pau de engomadeiras e serventes. Mas a urbanização crescente descentrou a cidade da sua velha Alcáçova distendendo-a por antigos arredores, principalmente Calhabé, Conchada, Cumeada e Olivais.

Sede de distrito, de Relação judiciária, da 2.ª Região Militar e de uma diocese, o seu bispo intitula-se Conde de Arganil e Senhor de Coja, e a sua Universidade compreende as Faculdades de Letras, Medicina, Direito e Ciências e uma Escola Superior de Farmácia. Os Museus de Machado de Castro e de Arte Sacra são dos mais importantes do país; o seu Hospital Escolar é o maior posto clínico assistencial da zona do Centro. Tem um Liceu Normal, um Liceu feminino, uma Escola Industrial e Comercial e muitos colégios, um teatro, três cinemas e um estádio.

BREVE HISTÓRIA DE COIMBRA

A origem da cidade, cujo nome é formado por um radical etnonímico ibérico e pelo elemento céltico — *briga* — é extremamente remota. O ópido luso-romano de Conimbriga, que lhe deu a designação, tem as suas ruínas ao Sul, em Condeixa-a-Velha, tendo-se a sua população deslocado para o sítio fortificado do Eminio, onde se ergueram sucessivamente a Sé (na encosta), a Alcáçova e a Universidade. Nó de comunicações entre o Norte e o Sul do país e entre a zona serrana e a costeira, ligadas pelo curso do Mondego, Coimbra prosperou na Idade Média como base da linha fortificada entre cristãos e muçulmanos.

Já durante o domínio romano Conimbriga era um alto importantíssimo da via calçada entre Olísipo e Bracara, como o atestam as enxumadas ruínas do ópido de Condeixa-a-Velha, das mais ricas da Península em balneários, mosaicos, colunas, etc. No séc. VI (589) já o seu Bispo residia em Eminio, que suplantou e absorveu Conimbriga em meados do séc. X. Apesar da invasão islâmica, no séc. VIII, a região conservou a sua fisionomia cristã, apoiada nos mosteiros de Lorvão e da Vacariça (Pampilhosa),

Sé Velha



e de Sever e de Lamas no Vouga. Emínio, poupada pelo invasor, teria sido o principal foco da cultura moçárabe do Ocidente, até que Afonso III das Astúrias a arrasou e errou.

Nos fins do séc. IX (878) a cidade foi tomada pelo conde neo-godo Ermenegildo, em circunstâncias lendárias que originam o motivo do brasão conimbricense, recaindo em poder dos muçulmanos em fins do século X (987). Finalmente, em 1604, com a ajuda do conde moçárabe Sessando, Coimbra submeteu-se definitivamente aos cristãos, no reinado leonês de Fernando Magno. Ficou sendo então cabeça de um condado que se estendia ao Douro, e às terras lamecenses pelo Norte, e pelo Sul até à fronteira flutuante com os *Moiros*. Sessando, que governou Coimbra durante um quarto de século, povoou, arroteou e fortificou a região. O castelo de Montemor-o-Velho, celebrado no *Cantar de Mio Cid* como «*tan nombrado*», era ao mesmo tempo a chave das defesas cristãs e o apoio das comunicações marítimas dessa faixa nuclear de Portugal, que, tão longe dos centros arábicos da Península como dos núcleos galegos e leoneses da Reconquista, ganhava consciência nas suas crescentes instituições monásticas e foralengas.

Nos séculos XI e XII, com os surtos sucessivos do condado portugalense e do reino medieval, Coimbra tornou-se a capital do país. Os seus prelados, favorecidos pela Ordem de Cister, e os seus abades crúzios ajudaram D. Afonso Henriques a firmar a independência de Portugal, como ainda hoje o atesta a arquitectura românica de alguns templos da cidade: a Sé Velha, S. Salvador e S. Tiago. Foi por Coimbra que entrou a ordem francis-

Igreja de S. Tiago





Convento de Santa Clara-a-Velha



Arco de Almedina

cana em Portugal e aí fez Santo António o seu noviciado e os seus estudos. D. Dinis e sua mulher, a Rainha Santa Isabel, fundando a Universidade e o convento de Santa Clara e residindo largas temporadas em Coimbra, muito contribuíram para o seu desenvolvimento, que o século XVI acentuou com a transferência definitiva e reforma da Universidade por D. João III, com a fundação do Colégio das Artes, grande centro humanístico, e do Colégio de Jesus, matriz das missões jesuíticas do Ultramar. Coimbra tornou-se então um dos maiores centros artísticos, principalmente escultórico, do Renascimento português, conservando-lhe a Universidade uma importância e prestígio que duram até hoje. O último século, consolidando a cidade espiritual, viveiro da mocidade estudiosa e literária do país, como centro comercial, fabril e turístico de crescente importância, robusteceu e alargou os destinos da cidade.



Túmulo de D. Afonso Henriques

MONUMENTOS DE COIMBRA

SE a cidade, em conjunto, perdeu bastante da sua fisionomia antiga e recatada, com a transformação ou ruína de muitos edifícios primitivos e com o desaparecimento de largos panos e portas das suas velhas muralhas, conserva todavia a graça espiritual da paisagem: «doces e claras águas do Mondego» (Camões), «lavados e doces ares» (Eça de Queirós), «paisagem lunar, que é a mais doce da terra» (António Nobre). Os monumentos medievais, renascentes e barrocos que lhe restam formam um todo imponente.

MURALHA DE COIMBRA — Da antiga cintura fortificada resta a Porta de Almedina, à raiz da Calçada (ruas de Ferreira Borges e do Visconde da Luz), com o Arco Pequeno e sobretudo o Arco Grande sob a Torre da Rolação, provido de nicho e brasão de armas. As casas orientais da Calçada adossam-se a restos da muralha, de que os mais bem conservados são os bastiões da Couraça da Estrela, ao Sul, criteriosamente aproveitados como



Túmulo de D. Sancho

muro escarpado de uma casa de estilo «português» (actual Governo Civil; architecto Raul Lino).

SÉ VELHA — É o mais belo e íntegro monumento românico português, de aspecto fortificado e planta em cruz, construído por architectos trazidos por prelados franceses: mestre Barnaldo e mestre Roberto. Sem nártex nem charola, tem ábside e absidiolos ressaltantes e uma fenestração e decoração exterior sóbrias, de pequenos rasgos e de arqueamentos redondos e profundos no portal e galeria da fachada. Aquele, aberto ao poente, tem cinco arcarias torais cingidas por uma arquivolta lavrada. Mas do cinzel primitivo só restam os capitéis enlaçados de motivos de influxo bizantino. Os cunhais do templo contrafortam-se de cubelos robustos. Contra a face Norte adossa-se a pequena arca tumular de D. Senando, o Conde moçárabe de Coimbra, e logo se rasga um enxerto do século XVI, a Porta Especiosa, obra-prima da escultura renascentista coimbrã, ao gosto de Nicolau de Chanterene. A ábside coroada de galeria e tambor românicos e de uma cúpula de azulejos do século XVII, remata a estrutura do templo.

O interior é de três naves, com um belo trifório em galeria sobre as laterais, rematadas por abóbadas de arestas, enquanto que a central ostenta abóbada de berço. A formosa lanterna do transepto e o harmonioso claustro datam do século XIII. O altar-



Igreja de Santa Cruz



*Púlpito da Igreja de
Santa Cruz*

-mor reveste-se de um flamejante retábulo gótico e os altares dos absidiolos ostentam figurações escultóricas do melhor estilo renascente. É notável também a pia baptismal manuelina.

IGREJA DE S. SALVADOR — Na Alta, cerca da R. da Matemática. Remonta ao século XI a sua fundação, mas a estrutura é de um românico coevo da Sé Velha. Portal redondo pouco fundo, três naves cobertas de madeira, colunas de fuste grácil e de capitéis curiosos. Duas capelas tumbais do Renascimento, uma das quais instituída por D. Guiomar de Sá, tia de Sá de Miranda. É um dos mais comoventes monumentos da Coimbra medieval, sobretudo pelo seu engaste no pobre casario dos estudantes e das de peleiros e fanqueiros de Coimbra.

IGREJA DE S. TIAGO — Entre a Calçada e a Praça Velha. Data do século XII, como erecção e traça, mas a rosácea frontal e os labores são de transição para o gótico. A cabeceira foi cortada pelo alargamento da Calçada. Ao alto do escadório que lhe dá acesso, a pureza desta igreja insere a Idade Média no ambiente recatado e burguês da Praça Velha, refúgio do antigo comércio tricanas.

SANTA CLARA-A-VELHA — Traçado do começo do século XIV, por ordem da santa Rainha D. Isabel, mulher de D. Dinis. Do convento das claristas e do paço da Rainha restam só ruínas de muros. Santa Isabel aí se recolheu, viúva, em 1325; a construção concluiu-se cinco anos depois. É uma igreja de três naves e sete tramos, com a central mais larga, de abóbada de berço quebrado, de um gótico ainda hesitante na técnica ogival. Na fachada de O. resta a moldura da rosácea, mas estão inteiras as

Porta Espiciosa da Sé Velha





Sala dos Capelos

rosáceas lateral e da cabeceira. Airosas frestas iluminam as naves laterais. O templo, meio sepulto nos lodos do Mondego pela subida do leito do rio, que já no século XIV ameaçava a comunidade, casa-se harmoniosamente com a paisagem de águas e rhoupos. O Cano dos Amores, a L., está ligado à lenda de Inês de Castro, que viveu recatada no paço do mosteiro nas vésperas de ser degolada.

SANTA MARIA DE CELAS—A igreja tem uma abóbada manuelina artesoadada e um altar e tecto de capela lateral trabalhados pelo grande escultor quinhentista João de Ruão. O convento, cisterciense do ramo de Claraval, foi fundado no começo do século XIII por D. Sancha, filha de D. Sancho I, mas da traça primitiva só restam dois lanços do belo claustro do tempo de D. Dinis, com capitéis arcaicos historiados de episódios da vida de Cristo, da Virgem e dos Santos. A expressão do *«alegre conventinho abandonado»* de que fala Camilo Pessanha casa-se suavemente à paisagem sedante dos Olivais.

SANTA CRUZ—A velha igreja românica dos cônegos regrantes de Santo Agostinho (crúzios), cujo primeiro prior-mor, D. Teotónio, foi confidente de D. Afonso Henriques, foi substituída em 1507 pelo actual templo manuelino, de estrutura arcaizada de torres maciças mas de figurações escultóricas exuberantes, inspiradas nos Jerónimos, e deterioradas pelo tempo. Um paravento setecentista oculta o que resta do primitivo portal. O interior, de uma só nave, tem azulejos tardios e capelas manuelinas de imitação. Uma bela abóbada renascença, ao gosto de João de Ruão, sustém o coro alto. A ousada abóbada nervada é de Boytac. O admirável púlpito renascença, devido a João de Ruão, sobe de uma quimera apocalíptica às estátuas de quatro doutores da Igreja ladeados de profetas e sibilas. Os túmulos dos fundadores, D. Afonso Henriques e D. Sancho I, são obras-primas do Renascimento coimbrão, com belas estátuas jacentes lavradas por Nicolau Chanterene. Notável sacristia seiscentista, com boa pintura, e o formoso Claustro do Silêncio, do melhor manuelino, com capelas de escultura da escola de João de Ruão.

UNIVERSIDADE—Fundada no fim do século XIII por D. Dinis, é uma das mais velhas da Europa, célebre pelos seus comentadores seiscentistas de Aristóteles, os *Conimbricenses*, e como viveiro espiritual da mocidade portuguesa. Foram estudantes de Coimbra: Sá de Miranda, Camões, Nóbrega, Garrett, João de Deus, Antero de Quental, Junqueiro, António Nobre. A Porta Férrea, de grave estrutura seiscentista, dá acesso ao Pátio e à Via Latina, nobre galeria setecentista para onde dá a Sala dos

Capelos e o Paço das Escolas com os aposentos reitorais, Sala do Senado, Sala dos Actos privados e varandas de O. sobre a cidade e o rio. Da Torre, onde soa a *cabra*, goza-se um panorama deslumbrante. Junto dela, o claustro dos Geraes. Para o Sul corre a Capela, de belo pórtico manuelino e finos azulejos, e logo a Biblioteca, do tempo de D. João V, com três amplas salas forradas de talha sumptuosa decorada de pequenos motivos exóticos e tectos de magnífica pintura policromada e alegórica; mesas de madeiras raras. O seu recheio de incunábulo e cimélio é precioso. Do Pátio, onde se ergue uma imponente estátua do reformador, D. João III (de Francisco Franco), sai-se a SO. pela ampla Escada de Minerva. O Bairro Alto, onde viviam os estudantes, foi demolido para as novas e monumentais construções da cidade universitária: Faculdades de Letras e Medicina, Biblioteca Geral e Arquivo, num largo e imponente plano urbanístico que um escadório de honra liga, ao Norte, com os bairros residenciais da Quinta de Santa Cruz.

A Universidade tem Guarda-Mor e bedéis que usam vestes talares, e uma guarda de Archeiros. Nas solenidades académicas forma-se o cortejo dos doutores, de capelo e borla, que sai da Biblioteca para a Sala dos Capelos, precedido da *charamela* e presidido pelo Reitor Magnífico. Os estudantes (veteranos e caloiros) vestem capa e batina. A *praxe* é feita por *trupes* que cortam o cabelo aos caloiros noctívagos; os quintanistas podem *protegê-los*. Alguns estudantes vivem ainda em *repúblicas* com designações goliardescas: *Prêquidão*, *Rai's-te-partá*, etc.

Há um Museu da Universidade, uma galeria de retratos dos Reitores no Paço das Escolas, outra de velhos lentes e prelados na Sala dos Actos Privados. A Associação Académica tem sede provisória junto do Instituto de Coimbra (a academia local), e estádio próprio, Sociedade Filantrópica, Orfeão, Tuna, Teatro dos Estudantes, etc.

SÉ NOVA — É a antiga igreja dos Jesuítas, edificada no século XVII e anexa ao antigo Colégio, actual instalação da Faculdade de Ciências (Laboratório da Física). Do Colégio saíram os grandes missionários da Índia e do Brasil. A fachada da igreja

Universidade





Porta Férrea



Biblioteca da Universidade

é de sóbria harmonia neo-clássica. A nave tem uma robusta abóbada de berço, de caixotões. Excelente escultura de talha renascente e barroca. Pia baptismal do Renascimento Coimbrão.

COLÉGIO DO CARMO — Na rua da Sofia. Século XVI. A igreja e o claustro foram construídos por D. Fr. Amador Arrais, o autor dos *Diálogos*. A nave e a capela-mor formam um belo e recatado ambiente em que os reflexos da talha dourada iluminam os tons escuros dos painéis de pintura. O claustro, de dois pisos,

com capitéis dóricos e jónicos, e curiosos azulejos, é um «asilo discreto e carinhoso». (Eugénio de Castro).

S. DOMINGOS — Na rua da Sofia. A igreja é hoje uma estação de camionagem. Restam a magnífica Capela do Tesoureiro, obra-prima do Renascimento coimbrão (João de Ruão), e uma bela abóbada de cruzaria nervada.

OUTRAS IGREJAS — Ainda na rua da Sofia podem ver-se: a igreja do Colégio da Graça, de sóbria expressão architectónica, com algumas capelas de padroeiro; a igreja de Santa Justa, de transição renascente-barroca.

SANTA CLARA-A-NOVA — O convento, onde jaz a Rainha Santa Isabel, ergue-se na margem esquerda do Mondego, dominando a paisagem de Coimbra com a sua imponente massa torreada, seiscentista. A igreja é forrada de exuberante talha harmoniosamente construída. Na capela-mor há o rico túmulo de prata e uma imagem da Rainha Santa por Teixeira Lopes. No coro inferior do convento, o túmulo gótico da Rainha, ornado de alto-relevos historiados representando os Apóstolos, monjas e santas. Estátua jacente de Santa Isabel. No coro superior um museu de recordações, entre as quais o bordão com que Santa Isabel peregrinou a Compostela. O grande claustro do convento data do século XVIII e inspira-se no claustro de Torralva, de Tomar, em sua poderosa expressão.

COLÉGIO NOVO — O Colégio Novo (de Santo Agostinho ou da Sapiência) é um vasto e robusto edifício que centra o casario de Coimbra voltado à Baixa. Tem um belo claustro de Filipe Terzio, do fim da Renascença coimbrã. Notáveis tectos artesoados, de madeira.

*Mondego e Con-
vento de Santa
Clara-a-Nova*



*Santo António dos
Oliveais*



MUSEU DE MACHADO DE CASTRO — Instalado no antigo Paço Episcopal, notável pelos robustos arcos embebidos na empena de L. e pela airosa galeria que corre sobre o pátio nobre. A colecção de escultura medieval e renascente é notabilíssima: o Cristo Negro (século XIII), os Apóstolos de Udarte, a Deposição no Túmulo (século XVI). São muito ricas também as colecções de arqueologia romana e de cerâmica. A colecção de pintura vai desde valiosas tábuas quatrocentistas a quadros de Columbano e Pousão. Há um belo tríptico flamengo de Matsys, pinturas de Cristóvão de Figueiredo, etc. A secção de ourivesaria e tecidos é muito rica: cálice de D. Sancho, uma crosse de báculo que se diz oferecida por S. Bernardo a S. Teotónio, Prior de Santa Cruz, uma cruz de ágata e um relicário de coral do século XII, e sumptuosos paramentos medievais, renascentes e barrocos.

JARDIM BOTÂNICO — Junto do velho aqueduto de S. Sebastião (Arcos do Jardim), num admirável conjunto arquitectónico de gradeamentos de ferro e bronze, escadarias, terraços e alamedas. É um dos mais belos hortos da Europa, cheio de espécies preciosas indígenas e exóticas: cinamonos, cânforas, araucárias, cedros, magnólias, tílias. Povoado por Vandelli e Dalla Bella, Júlio Henriques enriqueceu-o com um erário e uma biblioteca riquíssimos. Uma estátua de Brotero (por Soares dos Reis) domina a entrada monumental, de puríssimo portal barroco.

SANTO ANTÓNIO DOS OLIVAIS — Belo santuário com escadório, arcos, capelinhas de Passos e cemitério, dos séculos XVII-XVIII, no sítio do primeiro convento franciscano do país, onde professou Santo António c. 1220, e que sucedeu a um eremitério de Santo Antão de que resta um altar monolítico de cinco colunas na Sé Velha. A igreja é expressiva e revestida de pitorescos azulejos. Do Adro domina-se o Buçaco, o Dianteiro e a Bairrada, num suave enquadramento de pinhais e olivais, cantado por António Nobre. Perto, a rústica capela de S. Sebastião e a do Espírito Santo, ligada à ascese dos primeiros jesuítas missionários: Nóbrega, Anchieta, etc.

O PITORESCO DE COIMBRA — Toda a cidade palpita de sugestão poética e histórica, alcandorada nas colinas da Alcáçova e da Ribela e coroada pelos velhos e novos edifícios da Univer-

Museu Machado de Castro



*Aspectos de várias
salas do Museu Ma-
chado de Castro*





Parque de Santa Cruz

sidade. Perpendiculares ao Mondego dispõem-se os bairros velhos de Almedina e da Sofia. O casaria espalha-se pelo vale de Santa Cruz, Cumeada, Montes Claros, Montarroio, Conchada. Celas e os Olivais ligam Coimbra à região serrana que desce da Estrela ao Buçaco e ao D'anteiro, e que a Sul se prolonga pelo Senhor da Serra à Lousã. O dispositivo urbano, ao mesmo tempo plano e montuoso, é serpeado pelo rio margeado de choupos e de quintas, de que a das Lágrimas é a mais notável, pelas recordações lendárias de Inês de Castro que a povoam. Os Penedos da Saudade e da Meditação são passeios clássicos sedantes, consagrados pela poesia e pela tradição escolar. Do casario académico da Alta restam os núcleos de S. Salvador, Palácios Confusos, Cou-

Bedel e archeiro da Universidade



raças dos Apóstolos e de Lisboa, rua da Trindade e rua da Matemática. O bairro velho, inundado pelas cheias, conserva restos de arcarias de edificios do século XVI, becos e terreiros com nichos e painéis de azulejos, ruas e largos pitorescos de tráfego, como as da Moeda, da Loiça, do Corvo, o Terreiro da Erva, etc., velhas alquilarias refugadas em pátios recônditos, igrejas adaptadas a garages e casas de comércio.

A rua da Sofia, com as suas igrejas setecentistas e os seus prédios robustos e alinhados ao longo do velho itinerário entre Lisboa e Porto, é uma importante relíquia do urbanismo do século XVIII. O cemitério do Pio domina as colinas do Norte da cidade entre arvoredos, a Ribela ostenta ao Norte o conjunto monumental dos edificios da Universidade pombalina. Vista do Choupal, da



Estudantes



Tricana



Uma república



Em cima: Coimbra vista da Lapa dos Esteiros

Em baixo: Bairro Marechal Carmona

linha férrea que sulca os férteis e húmidos Campos do Mondego entre cortinas de choupos e a longínqua vista do castelo medieval de Montemor-o-Velho, atalaia da Reconquista cristã, Coimbra é uma das mais belas pequenas cidades da Europa.

VELHAS CASAS — Apesar das contínuas transformações do casario primitivo, Coimbra conserva alguns belos exemplares de edificações antigas. O mais belo é o Paço de Sub-Ripas, ao Colégio Novo, de puro traçado renascente no pórtico, na capela, no pátio e nos medalhões decorativos, da escola de João de Ruão. A tradição faz desta velha casa o cenário da morte violenta de D. Maria Teles por seu marido o Infante D. João.

Perto, à raiz da muralha da cidade, fica uma casa elevada onde morou António Nobre quando estudante, e que lhe chamava a Torre de Anto, o lírico herói do *Só*. Perto da Sé Velha, à rua do Correio e junto do Teatro Sousa Bastos, edificado no local da igreja românica de S. Cristóvão, há um belo exemplar de moradia quinhentista, a Casa do Navio. O antigo solar dos Melos, à rua do Norte, onde hoje está a Escola de Farmácia, tem um pátio nobre e um belo alpendre. Outras casas há notáveis pela sua traça antiga: algumas na rua das Covas, no Arco de Almedina, com varandas forjadas do século XVII, e um ou outro edifício setecentista escondido no Bairro Velho. As traseiras dos prédios da rua da Sofia oferecem surpresas gratas ao turista minucioso: pequenos claustros ignorados e *gigantes* de antigas construções, o mesmo se dando nas traseiras dos prédios orientais da Calçada. O conjunto urbano de Celas é muito curioso, com os seus balcões gradeados e casinhas de mísulas floridas.

ARREDORES DE COIMBRA — Além da clássica Volta da Contraria, com passo pela Ponte da Portela e visita às quintas das Lágrimas e das Canas, não faltam passeios nos arredores de Coimbra: o Pinhal de Marrocos, ao Calhabé, as Torres do Mondego, o Tovim, Bencanta e a floresta do Choupal, o panteão renascente de S. Marcos a poucos quilómetros ao Norte, Tentúgal, etc. Penacova, a Lousã, o Buçaco, a Curia e a Figueira da Foz têm Coimbra como centro turístico.

TRANSPORTES COLECTIVOS — Além dos ramais da Figueira da Foz e da Lousã, servidos por automotoras frequentes, há uma boa rede de eléctricos e de *trolley-bus*.

TRANSPORTES POR ESTRADA

Coimbra fica situada na estrada de Lisboa ao Porto, a 234 quilómetros de Lisboa e a 125 do Porto.

Carreiras de camionetas de Lisboa: *Capristano & Ferreira* — Rua Cidade Liverpool, 14 — Lisboa.

TRANSPORTES POR CAMINHO DE FERRO

Caminhos de ferro do Norte. Partidas de Lisboa-Rossio às 8,30, 12,56, 12,05 e 23,10. Chegadas a Coimbra, respectivamente, às 11,31, 15,38, 17,02 e 3,50.

Torre de Anto

Em baixo: *Penedo da Saudade*





Conímbriga

Foguete — Saída de Santa Apolónia às 14,15 e 19,25. Chegada a Coimbra às 16,49 e 21, 58.

HOTÉIS

Hotel Astória — 1.^a — Avenida Navarro — Tel. 2055.
Hotel Avenida — 1.^a — Avenida Navarro — Tel. 2155.
Coimbra Hotel — 3.^a — Avenida Navarro — Tel. 2706.
Hotel Bragança — 3.^a — Largo das Ameias — Tel. 3060.
Hotel Mondego — 3.^a — Largo das Ameias — Tel. 3406.
Hotel Internacional — 3.^a — Avenida Navarro — Tel. 2622.
Hotel Central — 3.^a — Praça 8 de Maio — Tel. 2856.

PENSÕES

Pensão Rosa — 1.^a — Av. Fernão de Magalhães — Tel. 2831.
Pensão Avis — 1.^a — Av. Fernão de Magalhães — Tel. 3718.
Pensão Rivoli — 1.^a — Praça do Comércio.
Pensão Democrática — 2.^a — Rua Nova — Tel. 3784.
Pensão Flor de Coimbra — 2.^a — Rua do Poço.
Pensão Joaquim Antunes — 2.^a — Rua Castro Matoso — Tel. 3048.
Pensão Universal — 2.^a — Avenida Navarro.
Pensão Parque — 2.^a — Largo da Portagem.
Pensão Aguiar — 2.^a — Rua Antero de Quental.

RESTAURANTES

Café-Restaurante Nicola — Rua Ferreira Borges.
Café-Restaurante Santa Cruz — Praça 8 de Maio.
Restaurante Carmina de Matos — Praça 8 de Maio.

Restaurante Meneses — Quinta do Prior.
Restaurante Primavera — Rua da Sota.
Restaurante Casa da Ponte — Santa Clara.

TÁXIS

Nas principais praças da cidade — Tels. 3300, 3667, 3161, 2571, 2530, 313, 3475, 3089, 2030, 2611, 3521.

BANCOS

Banco de Portugal — Largo da Portagem.
Banco Sotto Mayor — Rua Ferreira Borges.
Banco Nacional Ultramarino — Rua Ferreira Borges.
Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa — Rua do Visconde da Luz.
Banco Lisboa & Açores — Rua do Visconde da Luz.

CAFÉS

Café Nicola — Rua Ferreira Borges.
Café Santa Cruz — Praça 8 de Maio.



Dois aspectos das ruínas de Conimbriga





Imagem da Rainha Santa

Portugal dos Pequeninos



*Estrada do Parque
de Santa Cruz*



Choupal



*Jardim Botânico
— Avenida das
Tílias*



Estádio





A nova Faculdade de Letras integra-se no conjunto dos edifícios da velha Universidade

Café Montanha — Largo da Portagem.
Café Brasileira — Rua Ferreira Borges.
Café Luso — Rua da Sofia.

CORREIOS, TELÉGRAFOS E TELEFONES

Estação Central — Rua de Olímpio Nicolau Rui Fernandes.
Estação do Bairro Alto — Rua de Sá de Miranda, 16.

HOSPITAIS

Hospício Distrital de Coimbra — Avenida Sá da Bandeira — Tel. 2442.
Hospitais da Universidade — R. Dr. Costa Simões — Tel. 2031.
Hospital Militar — R. Dr. Domingos Veudelli — Tel. 3072.
Hospital Sanatório de Celas — Tel. 2474.
Hospital Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil (Covões), S. Martinho do Bispo — Tel. 2104.

POLÍCIA

Polícia de Segurança Pública
 Comando — R. Olímpio Nicolau Rui Fernandes — Tel. 2112.
 1.ª Esquadra — Rua Câmara Pestana.
 2.ª Esquadra — Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes.
Polícia de Viação e Trânsito
 Posto n.º 13 — Largo da Portagem — Tel. 3742.

TEATROS E CINEMAS

Avenida — Avenida de Sá da Bandeira.
Tivoli — Avenida Navarro.
Sousa Bastos — Rua de Joaquim António de Aguiar.

INFORMAÇÕES: